

Empresários não escondem clima de otimismo

Até a crise mexicana está sendo vista como um sinal positivo para a economia nacional

ISABEL DIAS DE AGUIAR

O Brasil coleciona boas notícias. Ao contrário dos anos anteriores, quando em janeiro a expectativa de novos planos econômicos deprimia os diversos segmentos da sociedade, agora o quadro é diferente. Empresários e economistas advertem que a consolidação da estabilidade econômica se constitui num desafio. Os instrumentos de proteção da moeda ainda são frágeis e vulneráveis, acreditam. Será preciso negociar com a sociedade bases mais sólidas para o financiamento do setor público, o que não será uma tarefa fácil.

Mesmo consciente das dificuldades, a classe empresarial não esconde o otimismo. Até a crise do México, que pode representar a perda de recursos externos e a frustração de muitos negócios em andamento, é vista como um sinal positivo. "Veio na hora certa e mostra que Deus é mesmo brasileiro", declara o vice-presidente do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp), Mario Bernardini.

Para o diretor do Departamento de Economia da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Decon-Fiesp), Boris Tabacof, o ânimo demonstrado pelos diversos segmentos da sociedade é justificável porque está fundamentado em fatores reais. "Os indicadores de conjuntura são favoráveis e seria uma pena perder essa oportunidade", afirma Tabacof. "O lado real do Brasil vai bem", acrescenta. Segundo o diretor da Fiesp, a sociedade



Tabacof: "Indicadores são favoráveis e o Brasil real vai bem"

provou que está capacitada a superar as dificuldades.

Dados divulgados na semana passada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) confirmam a análise de Tabacof. Segundo projeção feita pelo órgão, a economia cresceu 7,8% no último trimestre de 1994, o que levou seus técnicos a rever a previsão de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) no ano passado de 4,6% para 5,3%. O bom desempenho foi motivado pela significativa expansão dos setores mais representativos da indústria, entre os quais o ramo de bens de capital.

A indústria não só terminou o ano passado como começou este a

tudo vapor. Não há muitas notícias sobre a instalação de fábricas novas. Mas há informações de que as carteiras de pedidos da maioria das empresas estão repletas. Para atender às encomendas, as empresas renovam máquinas na tentativa

de acelerar a produção. Os produtores agrícolas também trataram de modernizar o manejo de suas lavouras e isso fez com que as vendas de tratores agrícolas crescessem 82,2%.

"Este será o ano da virada", diz Tabacof. Caso se confirmem as previsões teremos uma grande expansão das atividades, com mais emprego. "O desafio do governo será administrar cam-

bio e política de juros de forma a não desestimular a execução dos planos do setor privado."

A crise do México, segundo Tabacof, deve ser interpretada como uma advertência. Significa que reservas em níveis elevados não representam uma garantia de equilíbrio das contas correntes. "Acho que a equipe econômica tem competência para aproveitar a lição."

Entre as boas notícias do ano está a de que o setor produtivo, apesar da presença dos importados no mercado, acelerou a produção e, depois de longo período recessivo, ocupou boa parte da capacidade instalada. A notícia fica melhor se for considerado que a produção cresceu, mas ainda há espaço para crescer mais, mesmo sem investimentos novos. Em 1980 e em 1986, o nível de utilização de capacidade instalada da indústria brasileira atingiu 85% e 1994 terminou com um índice de ocupação das fábricas de 80%.

O professor de Economia da Universidade de São Paulo, Roberto Macedo, lembra que os dados relativos à taxa de investimentos são modestos, em torno de 15% do PIB. Nos anos em que a economia brasileira cresceu de forma acelerada, como na década de 70, a taxa de investimento era de 25%. Para voltar ao mesmo ritmo, é preciso atrair capital externo. "Por enquanto só recebemos recursos destinados às Bolsas, que são voláteis."

O diretor da Fiesp concorda com Macedo. Tabacof lembra que é possível definir o destino do capital por decreto. A decisão sobre investimentos na produção é da iniciativa privada. "Quem vai correr riscos serão os empresários e para isso é preciso que os horizontes estejam bem definidos."

**INSTRUMENTO
DE PROTEÇÃO
DA MOEDA
FRÁGIL**